



THE

ENDLESS

SKY

**EDUARDO VERDE PINHO**

*um e meio por um e meio*

OF

ANSOUL

AP'ARTE

GALERIA DE ARTE

A black and white photograph of a man in a dark suit and white shirt, holding a lit cigarette in his right hand. He is looking down and to the right. The background is dark and out of focus, showing some architectural elements like a doorway or window. The overall mood is somber and contemplative.

**EDUARDO VERDE PINHO**

*um e meio por um e meio*

## EDUARDO VERDE PINHO

### *Óperas-murais*

Por entre tonalidades pastel mais quentes do que frias, surge a pintura espontânea sinalizada por palavras-chave que situam o caminho pessoal. É o exemplo de Ecce Homo, ou Eis o Homem, frase que Pôncio Pilatos diz, em latim, ao apresentar Jesus Cristo aos judeus. Eduardo Verde Pinho captura a expressão para chamar a atenção para o homem invisível que está no quadro – o mote, a inspiração – e para o seu criador, ele próprio, intérprete de outros artistas que o tocam numa visão interior. Como se fosse músico.

Concentrando o figurativo e o abstrato, e encerrando-os como se não quisesse dar à obra nenhuma leitura furtiva, Eduardo Verde Pinho acaba por emoldurar palavras que acendem a luz no escuro. Atenuantes desse fundo denso e neutro, com tréguas de infinito. A realidade de um mundo, ora erudito ora trivial, semelhante ao da própria existência do artista viajante.

Nesta exposição, a sua obra tem um ponto comum: o formato. Daí o nome 1,50x1,50.

As peças quadradas parecem chegar da rua, debaixo do braço do artista que recorta fragmentos de graffiti para os exibir em painéis e levar a galerias e museus, num contexto que todos observam e sentem, desafogados. Mera ilusão. O artista absorve a cidade com a consciência e dá-lhe vida na tela, como um dedo mágico de Michelangelo (1475-1564) na Capela Sistina.

Inspira-o a arte urbana, os artistas de várias épocas que evoca – renascentistas, maneiristas, tardo barrocos, modernistas, neorromânticos, neoexpressionistas, revivalistas. Ao apoderar-se da sua expressão, mistura gestos que podiam provir de muitas mãos e não apenas das suas. Apropria-se assim dos nomes e de parte do trabalho de grandes vultos das artes, imprimindo-os na sua obra que parece criada em conjunto com o pensamento crítico poisado em tantos.

Apelos intemporais numa espécie de novos muros de Berlim fragmentados. Contestatários também. Muros de pensamentos colhidos em marés de acalmia e tempestade. Sofridos, desmoronados e logo esquecidos. Apesar de conterem uma estória situada na História.

Eduardo Verde Pinho é além do mais um viajante do tempo, o que se reflete na produção artística repleta de linguagens e sinais. E, em viagem, pelos quatro concertos para violino e orquestra do compositor veneziano Antonio Lucio Vivaldi (1678-1741), As Quatro Estações são interpretadas por diferentes expressões: o outono revela Cy Twombly (1928-2011), artista norte-americano que recorre a temas da Antiguidade, fazendo menção a personagens, poetas ou acontecimentos marcantes. O outono é ainda representado com notas da obra do norte-americano Julian Schnabel (n. 1951), pintor e realizador integrado no neoexpressionismo; o inverno inspira o anglo-irlandês Francis Bacon (1909-1992), pintor modernista figurativo; a primavera recorda Jean-Michel Basquiat (1960-1988) que ganha popularidade como grafiteiro e depois como neoexpressionista em Nova Iorque onde nasce; o verão pertence a Gerhard Richter (n. 1932), pintor da Alemanha Oriental que expressa um romantismo tardio. Todos eles de vanguarda, no seu momento, deixam transpa-

recer na obra a própria vida, as escolhas, as marcas, as contrariedades, as perdas, as vitórias, o eu íntimo. Íntimo.

Cada peça de Eduardo Verde Pinho é uma ópera de cores e de mensagens gritantemente surdas que se escutam dentro, sem entendimento obrigatório. Produz à escala de um Vivaldi que nos deixou 770 composições e não por acaso o evoca e trabalha a obra mais conhecida deste compositor.

Mas existem outras peças a que chama “brincadeiras”, como aquela em torno do São João, na praça da Ribeira do Porto, da autoria do escultor português João Cutileiro (n. 1937); e demais, sobre a paleta do holandês Johannes Vermeer (1632-1675), ou sobre o céu do alemão Anselm Kiefer (n. 1945) que estuda com Joseph Beuys (1921-1986). Cargas expressivas que acarretam a arte no tempo.

Eduardo Verde Pinho deixa-se levar numa de muitas viagens, sem final, por tendências e artistas que marcam a História da Arte e da Música. Desencadeia percursos tão sentidos que a tinta escorre de propósito num acto natural.

E sempre dividido, interpretando as novas óperas-murais, dispostas como parcelas de vida vivida e num tempo simultâneo, diz: “O que me pode mais caracterizar é agarrar o muro grafitado do qual várias vezes retiro parte e meto-a num quadro”.

E sempre que se insere num contexto intelectual através da palavra, Eduardo Verde Pinho explica um polo do sentimento.

Trata-se sim de uma arte urbana, a sua, pessoal e intuitiva, solidária e contestatária, que transporta a alma dos graffiti, capturados com o olhar interior nas ruas mais degradantes e negligenciadas. Depois revigorados com a expressão do artista, são enfim conduzidos para espaços museológicos, onde melhor se apercebem, interrogam e entendem. Querendo dizer que a arte é de todos e para todos, sendo ou não inteligível.

*Helena Osório*

*PhD em Estudos sobre a História da Arte e da Música pela Universidade de Santiago de Compostela, com reconhecimento da Universidade do Porto. Investigadora do i2ADS/FBAUP.*

*Na superfície de uma tela de “um e meio por um e meio” podem caber bocados de cidade, bocados de paredes e de quem os foi fazendo, e depois, num skyline, pode caber a cidade toda.*

*Podem caber e viver os meus artistas e o meu (mental) banco de imagens. Pode lá estar o infinito do anselm, a coroa do jean-michel, a perdida utopia de ho chi mim, o expresso do gil, uma cadeira vazia à francis ou james em flor.*

*No espaço de “um e meio por um e meio” até pode lá estar o homo e quem o batizou.*

*São obras dos anos de 2017 e 2018 onde também podem caber todos os meus anos.*

*Eduardo Verde Pinho*



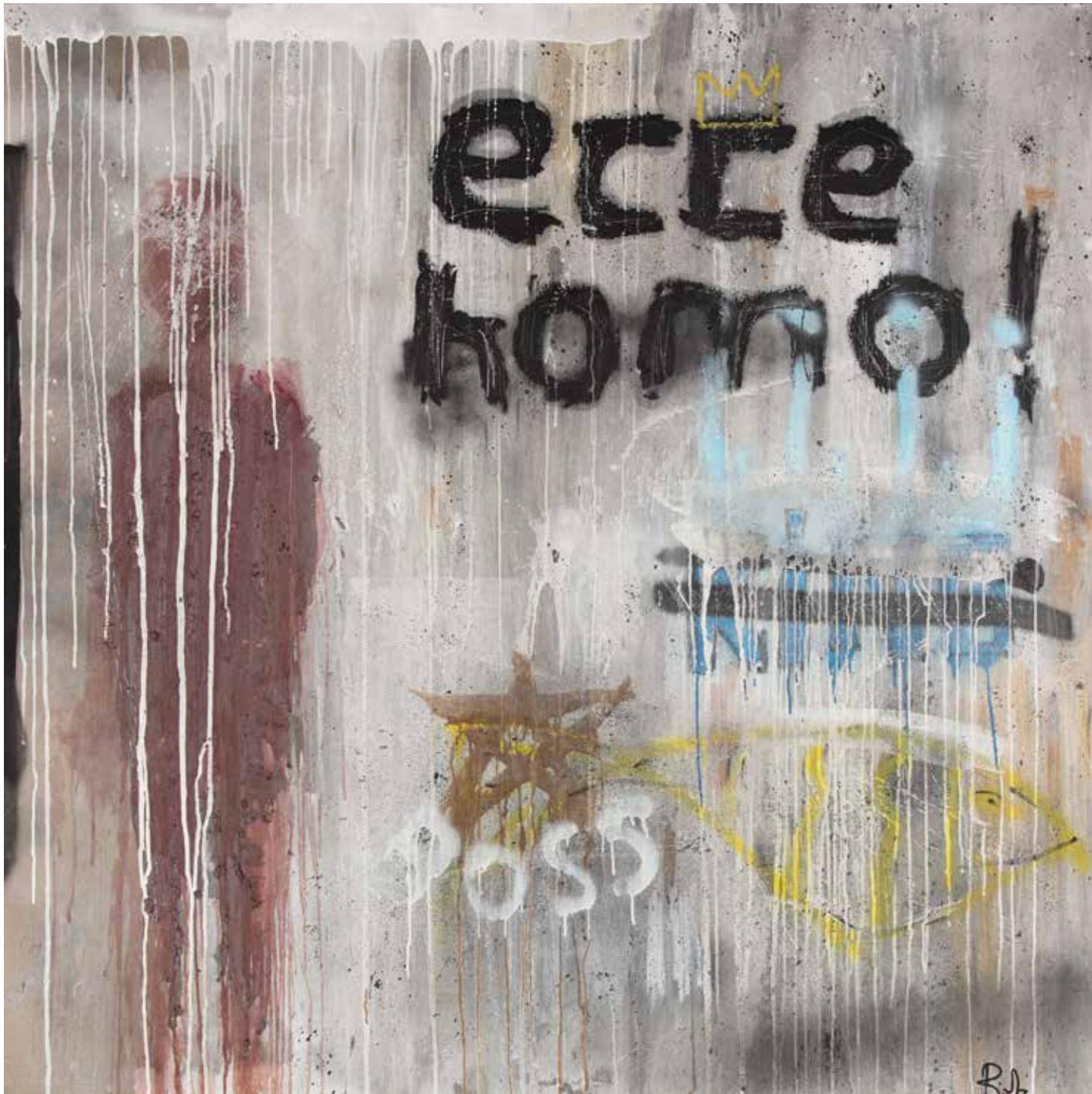
*L'estate*, 2018  
Técnica mista s/ tela, 150x150 cm



*Cru*, 2018  
Técnica mista s/ tela s/ madeira, 150x150 cm



S. JOÃO (da Ribeira) c/ MANJERICO, 2018  
Técnica mista s/ tela, 150x150 cm



*Boss*, 2018  
Técnica mista s/ tela s/ madeira, 150x150 cm



*Portão OIRO, 2018*  
Técnica mista s/ tela s/ madeira, 150x150 cm



*HO CHI MIN (a POP ganhou!), 2017*  
Técnica mista s/ tela, 150x150 cm



*the endless sky*, 2018  
Técnica mista s/ tela, 150x150 cm



*SKYLine*, 2018  
Técnica mista s/ tela, 150x150 cm



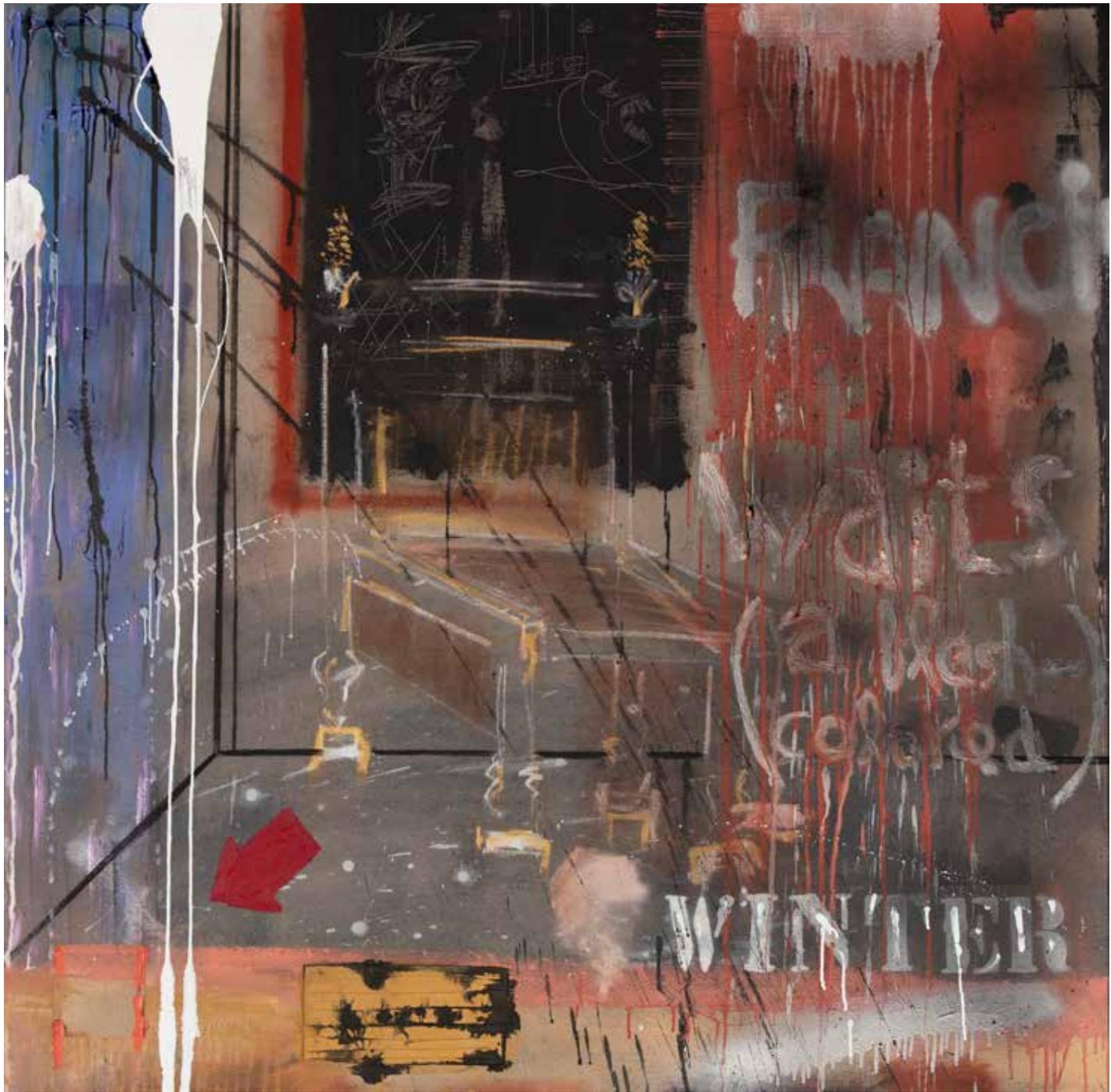
EVERLAST (SPRING), 2018  
Técnica mista s/ tela, 150x150 cm



*midsummer*, 2018  
Técnica mista s/ tela, 150x150 cm



*another red autumn*, 2018  
Técnica mista s/ tela, 150x150 cm



*WINTER (a flesh-colored)*, 2017/18  
Técnica mista s/ tela s/ madeira, 150x150 cm



FOR US (SPRINGTIME) Andy, Jean-Michel, me + James, 2018  
Técnica mista s/ tela, 150x150 cm



*MEU INVERNO*, 2017/18  
Técnica mista s/ tela, 150x150 cm



## EDUARDO VERDE PINHO

Nasceu no Porto a 2 de Dezembro de 1962.

Licenciado em Direito pela Universidade Católica Portuguesa no Porto, em 1985.

1993 - Exposição colectiva de Fotografia dos alunos da ESAP. Porto;

1994 - Curso Superior de Fotografia da ESAP - Escola Superior Artística do Porto;

2001 - Exposição de Fotografia - “Na procissão” - Afurada;

2002 - Exposição de Fotografia - “Com fixos olhos rasos de ânsia” - Museu da Imagem de Braga;

2005 - Exposição de Pintura - Sala 1 - Galeria Minimal. Porto;

2005 - ARTE LISBOA 2005 - Galeria Minimal. Lisboa;

2006 - Exposição individual de pintura - Galeria Minimal - Porto;

2006 - ARTE LISBOA 2006 - Galeria Minimal. Lisboa;

2007 - Exposição individual de pintura - Galeria Minimal. Porto;

2008 - Exposição individual de pintura - “Monstros, Mitos e Heróis” - Galeria Minimal. Porto;

2010 - Exposição individual de pintura - AP'ARTE Galeria. Porto;

2012 - Exposição individual de pintura “De perto ninguém é normal” - AP'ARTE Galeria. Porto.

2016 – Exposição colectiva “Mostra 2106”. Porto e Lisboa.

Representado em várias colecções particulares de Portugal.



**AP'ARTE**  
GALERIA DE ARTE

Rua Miguel Bombarda, 221  
4050-381 Porto-Portugal  
t: 351 220 120 184/5  
f: 351 220 120 186  
e: [geral@apartegaleria.com](mailto:geral@apartegaleria.com)  
w: [www.apartegaleria.com](http://www.apartegaleria.com)